

personagem

COM BOM HUMOR E OTIMISMO, OSMAR PRADO REVELA
COMO VENCEU UM CÂNCER NA GARGANTA, DESCOBERTO EM 2013

“Fiz um pacto com Deus e fui à luta”

O ator Osmar Prado, 66 anos, reserva um cantinho especial na sua casa para guardar os troféus que ganhou durante a carreira. Nesse espaço, ele também coloca alguns objetos pelos quais tem muito carinho, como miniaturas de motos, uma de suas grandes paixões. No início do ano, o lugar ganhou algo inusitado – a máscara termoplástica usada durante o tratamento de radioterapia. “Não quero jogar fora. Foi minha companheira, minha armadura. Vou fazer um trabalho artístico, colocar uns óculos escuros nela, uma echarpe. Ela vai ficar muito elegante, charmosa, sabe?”, brinca.

Para quem não conhece bem o ator, pode até estranhar o bom humor ao falar de um momento tão delicado em sua vida. Em maio de 2013, enquanto fazia a barba, ele notou um caroço no lado esquerdo do pescoço. “Não sentia dor, nada mesmo, mas aquilo me chamou a atenção. Já estava bem acentuado. Lembrei que meu pai teve algo parecido 30 anos antes e era câncer. Chamei minha mulher e mostrei. Juntos, decidimos ir ao hospital”, lembra.

Durante os exames, foi detectado um tumor de três centímetros no músculo lateral do pescoço. Ele estava necrosado no centro, mas os médicos recomendaram a retirada imediata, para que o nódulo não aumentasse. Tudo foi bem rápido, e em menos de um mês, o ator fez a cirurgia. Na operação, porém, foi constatado um sangramento em uma das amígdalas. “O doutor ficou preocupado e recolheu material para biópsia”, conta.

Na ocasião, Osmar já se preparava para atuar na minissérie Amores Roubados. Ele chegou a viajar



“Não sentia dor, mas aquilo me chamou a atenção. Já estava bem acentuado. Lembrei que meu pai teve algo parecido 30 anos antes e era câncer”

para Pernambuco e a gravar algumas cenas, enquanto aguardava o resultado. “Para a minha sorte, eu teria um intervalo grande entre as gravações, mais ou menos dois meses. Quando cheguei ao Rio, recebi a notícia de que tinha um câncer na garganta, grau três, altamente perigoso. Tinha de operar novamente”, diz.

Terminada a segunda operação, na qual retirou a amígdala do lado esquerdo – e um tumor já se formava na mesma região do lado direito –, o tratamento seguiu com 30 sessões de radioterapia e três de quimioterapia. Osmar recorda com detalhes tudo o

que sentiu. “A radioterapia parecia queimar de dentro para fora. Minha genética é muito boa, minha pele é morena, mas mesmo assim usei um hidratante importado para evitar o ressecamento excessivo”, revela. O maior incômodo ficou por conta dos efeitos colaterais da quimioterapia. “Eu perdi o paladar, enjoava e em pouco tempo passei de 62 para 53 quilos. Eram duas horas e 40 minutos recebendo uma carga muito pesada de química. Eu sei que nem todos aguentam isso e até desistem. Realmente não é fácil”, admite.

ANDAR COM FÉ

Apesar de todos os desafios, o ator também passou por momentos bons durante o tratamento. “Eu ficava ali com todo mundo. Algumas pessoas me reconheciam e eu tinha oportunidade de contar as minhas histórias, conversava muito e conseguia até arrancar sorrisos com as minhas piadas. Descobri muita coisa durante essas sessões. Foram exemplos de vida que nunca vou esquecer”, reconhece.

“Um jornalista me perguntou sobre a minha relação com a fé. Eu respondi que fiz um pacto com Deus. Combinei que não ficaria incomodando toda hora, não

Fotos: Divulgação



UMA CAMINHADA DE SUCESSO

Uma pergunta arrancou risadas na classe em que Osmar Prado estudava. “Quem é essa menina?”, questionou a professora. Ele, com apenas 10 anos, explicou que os cabelos longos que usava eram por conta de seu personagem na novela *David Copperfield*, adaptação da obra de Charles Dickens por Líbero Miguel, na extinta TV Paulista. Esse foi só o início de uma carreira que ainda reservaria muitas surpresas.

O ator fez parte do elenco infantojuvenil da emissora por oito anos. Em 1965, teve sua primeira passagem pela recém-inaugurada Globo, onde

participou da novela *Ilusões Perdidas*. Três anos depois, foi contratado pela TV Excelsior para atuar em *Os Estranhos*, de Ivani Ribeiro, ao lado de Stênio Garcia e Gianfrancesco Guarnieri.

Assinou seu primeiro contrato com a Globo em 1969, para trabalhar em *Verão Vermelho*, de Dias Gomes. Em seguida, foi escalado para outra novela do autor, *Assim na Terra como no Céu*. O sucesso que ele faz na emissora pode ser contabilizado em mais de 40 novelas, séries e minisséries.

Seus personagens não passam despercebidos. Na primeira versão do seriado *A Grande Família*, de Oduvaldo Vianna Filho, Paulo Pontes e Armando Costa, viveu o estudante politizado Júnior, o terceiro

pediria besteiras a todo momento e, em compensação, Ele me daria as coisas certas quando eu fizesse por merecer. Vejo muita gente pedir a Deus para ajudar a ganhar um jogo, por exemplo. Eu não faço isso. Eu peço para ficar saudável e sempre fiz de tudo para me cuidar bem. Então, ganhei a cura”, acredita.

Tudo leva a crer que esse “acordo de merecimento” deu certo. Na ocasião em que a doença foi descoberta, Osmar corria cerca de oito quilômetros por dia. O ator não fuma, bebe socialmente, dorme e se alimenta bem. “A minha intuição mostrou que aquilo no pescoço não era algo legal, mas eu recebi a notícia calmamente e fiquei confiante. Soube que tinha 90% de chance de cura. Meu pai teve sequelas, como problemas dentários e de salivação, mas isso foi há muito tempo. A medicina mudou, evoluiu. Mesmo assim, ele só morreu 18 anos após a operação, e não foi de câncer”, conta.

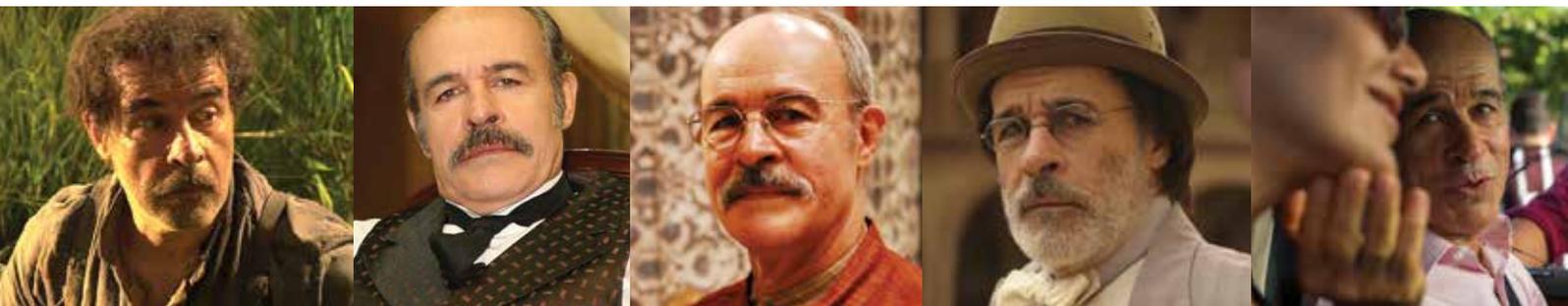
VOLTANDO À BOA FORMA

Apaixonado por sua arte, Osmar não pensou na morte, e sim nas sequelas que o câncer poderia ocasionar. “A voz é um instrumento do meu trabalho. Fiquei com medo, sim, afinal a doença era na

garganta. Só que também tive confiança nos médicos e fui à luta. Nunca fui de fugir de nada. Tinha de operar, não havia outro jeito. Graças a Deus, estou bem e consigo até cantar”, comemora.

Outra conquista do ator, que vem acontecendo aos poucos, é a retomada do peso ideal (63 quilos). “Terminei o tratamento em outubro e fui avisado de que realmente a recuperação poderia ser mais lenta em algumas coisas. Eu ainda não recuperei todo o paladar, mas já consigo sentir o gosto do doce na boca. Estou com 60 quilos e louco para voltar a correr, mas, por enquanto, faço apenas pilates. O meu corpo já está sarado”, brinca.

Depois de viver o exportador de frutas Deodoro Cavalcanti, em Amores Roubados, Osmar dará vida a outro homem poderoso ainda este ano: o coronel Epaminondas, de Meu Pedacinho de Chão. A novela, um remake de Benedito Ruy Barbosa, será exibida pela Globo às 18h, após o término de Joia Rara, em abril. Na obra, ele contracenará com a filha Janaína Prado, 34 anos. “Eu me sinto um privilegiado. Recebi apoio de todos. Minha mulher, meus filhos e meus amigos foram maravilhosos. Pude me tratar sem interromper o trabalho. Nunca me faltou amor”, agradece. ■



filho do casal Lineu e Nenê (na época, vividos por Jorge Dória e Eloísa Mafalda).

Com a morte de Vianna, em 1975, a produção foi interrompida, e o ator voltou às telenovelas. Ainda naquele ano, esteve no elenco de duas adaptações de obras literárias feitas por Gilberto Braga: Senhora, de José de Alencar, e Helena, de Machado de Assis. Em seguida, participou de novelas como Anjo Mau (1976), Nina (1977), Te Contei? (1978) e O Amor É Nosso (1981).

Depois de quase 15 anos de contrato com a Globo, deixou temporariamente a emissora em 1982 para se dedicar mais ao teatro, mas voltou em grande estilo em 1986, na sua primeira novela das oito, Roda de Fogo, de Lauro César Muniz, na qual interpretou um

de seus personagens mais carismáticos, Tabaco, um motorista sedutor que mantinha romances com três mulheres ao mesmo tempo. Em 1992, viveu mais um personagem de grande repercussão junto ao público: Sérgio Cabelleira, de Pedra sobre Pedra, de Aguinaldo Silva, que assustava os habitantes da cidade de Resplendor em noites de lua cheia.

Um dos seus maiores sucessos na televisão foi Tião Galinha, de Renascer (1993), de Benedito Ruy Barbosa. O personagem, que era catador de caranguejo e sonhava ter uma roça, acreditou que poderia criar um diabinho numa garrafa para realizar seu desejo. O papel rendeu a Osmar Prado o prêmio de Melhor Ator Coadjuvante da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).